

Reescrita e Resistência: Uma análise de Macabéa entre Clarice Lispector e Conceição Evaristo

Gustavo Tavares Moreira¹

Ma. Analice Aparecida dos Santos²

RESUMO

Este estudo analisa a personagem Macabéa nas obras *A Hora da Estrela* (2020), de Clarice Lispector, e *Macabéa: Flor de Mulungu* (2023), de Conceição Evaristo, investigando como a marginalização feminina é representada na literatura brasileira. A pesquisa, de caráter documental, baseia-se em livros e artigos acadêmicos, realizando uma análise comparativa que considera o contexto histórico e social das duas produções. Em Lispector, Macabéa simboliza a mulher nordestina, pobre e silenciada, cuja falta de identidade reflete a desigualdade social. Já Evaristo ressignifica essa figura por meio da *escrevivência*, conferindo-lhe voz, subjetividade e pertencimento, ao conectar memória, ancestralidade e resistência. A *escrevivência*, assim, transforma experiências marginalizadas em força coletiva e reconhecimento simbólico. A diferença temporal entre as obras evidencia avanços culturais e sociais na representação feminina. Por fim, o estudo ressalta o papel da literatura como ferramenta política e de resistência, capaz de restaurar e valorizar vozes historicamente silenciadas.

Palavras- Chave: Reescrita literária; *Escrevivência*; Invisibilidade social; Identidade feminina; Resistência simbólica.

ABSTRACT

This study examines the character Macabéa in *A Hora da Estrela* (2020) by Clarice Lispector and *Macabéa: Flor de Mulungu* (2023) by Conceição Evaristo, exploring how female marginalization is portrayed in Brazilian literature. Using a documentary methodology based on books and scholarly articles, the research conducts a comparative analysis considering the historical and social contexts of both works. In Lispector's novel, Macabéa represents a poor, silenced Northeastern woman whose lack of identity reflects social inequality. Evaristo reimagines this figure through the concept of *escrevivência*, giving voice, depth, and identity to the Black peripheral woman while linking memory, ancestry, and resistance. *Escrevivência* thus redefines marginalized experiences and strengthens collective identity. The temporal gap between the two works reveals cultural and social changes regarding gender and representation. Ultimately, the study highlights literature as a political instrument capable of denouncing inequalities and affirming silenced voices through narrative reconstruction and symbolic resistance.

Key-words: Literary rewriting; *Escrevivência*; Social invisibility; Female identity; Symbolic resistance.

1. INTRODUÇÃO

A literatura brasileira tem desempenhado papel fundamental na construção de críticas sociais, sobretudo ao abordar a invisibilização de sujeitos marginalizados. Um exemplo emblemático é a personagem Macabéa, de *A Hora da Estrela* (2020), de Clarice Lispector, que representa a mulher nordestina pobre e deslocada na metrópole. Como discutem Silveira e Oliveira (2020) a narrativa oferece um retrato sensível da exclusão social e da condição de apagamento vivida por mulheres oriundas das periferias, denunciando os efeitos de um sistema que silencia essas existências.

A obra de Lispector, enquanto evidencia a condição de Macabéa, também reforça um modelo narrativo em que a protagonista é constantemente silenciada, tanto pela sociedade quanto pelo narrador. Cartaxo (2014) argumenta que Macabéa é apresentada como um corpo subordinado, sem voz e sem agência, o que contribui para a manutenção de estereótipos sobre a mulher nordestina pobre. Essa construção literária reflete não apenas uma experiência individual, mas uma representação coletiva das desigualdades sociais enraizadas na cultura brasileira.

Em resposta a esse silenciamento, Conceição Evaristo reescreve a personagem na obra *Macabéa: Flor de Mulungu* (2023), oferecendo uma nova abordagem fundamentada no conceito de escrevivência. Para Silva (2022), essa prática narrativa permite que a mulher negra e periférica se torne sujeito de sua própria história, utilizando a memória e a experiência como ferramentas de resistência. Nessa perspectiva, a Macabéa de Evaristo não é apenas uma vítima das estruturas sociais, mas uma figura que narra, resiste e afirma sua identidade por meio da palavra.

Dessa forma, este projeto propõe uma análise comparativa entre as duas obras, com o objetivo de investigar como a marginalidade feminina é representada e ressignificada. A pesquisa parte da hipótese de que a versão de Conceição Evaristo propõe uma reparação simbólica à figura de Macabéa, deslocando-a do lugar de apagamento para o de protagonismo. Trata-se de compreender, portanto, de que modo a literatura pode ser um instrumento de denúncia, mas também de transformação, ao promover a centralidade de vozes historicamente excluídas (Almeida; Masuda, 2017).

2. METODOLOGIA DE ESTUDO

Esta pesquisa adota o método de pesquisa documental, que se caracteriza pela análise de materiais já publicados, como livros, artigos científicos, e outras fontes textuais relevantes para o tema em questão. A pesquisa documental utiliza documentos já existentes, sendo apropriados para investigações qualitativas. O estudo será desenvolvido a partir da leitura e análise comparativa das obras *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector (2020), e *Macabéa: Flor de Mulungu*, de Conceição Evaristo (2023). A fundamentação teórica será construída por meio da seleção de textos acadêmicos encontrados em bases como Scielo, Google Acadêmico e Periódicos da Capes. As palavras-chave utilizadas para a busca de referências serão: escrevivência, literatura comparada, personagem feminina, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, literatura marginalizada, ancestralidade, representação da mulher e literatura afro-brasileira.

3. MACABÉA ENTRE SILÊNCIO E VOZ: REPRESENTAÇÃO, REESCRITA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA

3.1 Macabéa e a invisibilidade social em A Hora da Estrela

A personagem Macabéa, criada por Clarice Lispector em *A Hora da Estrela* (2020), tem sido analisada como símbolo de uma mulher invisibilizada e marginalizada pela sociedade. Segundo Cartaxo (2014) Macabéa representa a figura da mulher subordinada, marginalizada, uma personagem que existe à margem da linguagem, da narrativa e da identidade social. Essa perspectiva é ampliada por Almeida e Masuda (2017) que veem na personagem uma encarnação do trágico, entre a ficção e a realidade, refletindo as desigualdades brasileiras e o apagamento de sujeitos historicamente silenciados. Esses estudos apontam para a complexidade com que Lispector constrói a condição de exclusão, sem recorrer a estereótipos fáceis, mas tensionando os limites entre o narrador e a personagem.

Partindo dessa figura silenciada, Conceição Evaristo, em *Macabéa: flor de mulungu* (2023), resgata e reconstrói essa mesma personagem sob um novo olhar. Ao se apropriar da Macabéa de Lispector, Evaristo mobiliza o conceito de *escrevivência*, que, como a própria autora explica, é a escrita que nasce das experiências vividas, especialmente das mulheres negras, (Evaristo, 2019). Trata-se de uma proposta estética e política que dá voz a quem historicamente não teve lugar na literatura. Ferreira et al. (2021) observam que essa escrita não é apenas uma forma de contar histórias, mas uma estratégia discursiva de resistência, onde corpo, memória e ancestralidade se entrelaçam para romper o silêncio imposto ao sujeito negro e feminino.

3.2 Escrevivência e afirmação identitária

Nesse sentido, outras pesquisadoras, como Rezende e Campos (2022), ampliam a noção de escrevivência ao relacioná-la a uma tradição de autoras negras brasileiras como Carolina Maria de Jesus e Elza Soares, que também transformaram vivências de marginalização em matéria poética e política. De acordo com Silva (2022), essas autoras constroem narrativas de si que não se limitam ao testemunho, mas propõem uma nova forma de representação, ancorada na alteridade e na memória coletiva. A escrevivência, portanto, se configura como um gesto de afirmação identitária e reestruturação simbólica de mundos que foram historicamente desvalorizados.

Por outro lado, a crítica social já presente na obra de Lispector também merece destaque. Silveira e Oliveira (2020) apontam que *A Hora da Estrela* denuncia, de maneira sutil, a estrutura social que perpetua a exclusão de personagens como Macabéa, sem adotar um discurso polêmico. Segundo as autoras, a literatura de Lispector, mesmo com uma linguagem introspectiva e fragmentada, coloca em cena questões de classe, gênero e origem. Ao colocar essa obra em diálogo com a reinterpretação feita por Evaristo (2023) percebe-se um movimento de continuidade e ruptura: se Lispector nos apresenta o silêncio, Evaristo nos oferece a voz; se uma revela a ausência, a outra cria presença. O encontro entre as duas autoras, mediado pelos estudos acadêmicos aqui discutidos, permite uma reflexão profunda sobre representação, subjetividade e resistência na literatura brasileira.

Macabéa, a figura central em *A Hora da Estrela* (LISPECTOR, 2020), emerge como um emblema da mulher desfavorecida, oriunda do Nordeste e marginalizada pela sociedade. Lispector delineia uma personagem cuja vida se manifesta pela carência: de expressão, de individualidade e de valorização. De acordo com Cartaxo (2014), Macabéa personifica a ideia de um "significante vazio", visto que sua atuação na história é notada pela sua condição de anônima e pelo seu silêncio, espelhando a mulher oprimida na hierarquia patriarcal e econômica. Essa situação de apagamento é intensificada pelo narrador Rodrigo S.M., que busca entender a protagonista, porém, simultaneamente, a diminui a um tema de estudo, consolidando a separação social e representativa entre os dois.

Na visão de Silveira e Oliveira (2020), a obra de Lispector revela as disparidades fundamentais da sociedade brasileira, descrevendo a exclusão social de forma discreta, ainda que marcante. As autoras sustentam que Macabéa é a materialização da pobreza simbólica e palpável do indivíduo marginalizado, e sua ingenuidade serve como reflexo de um cenário social que a subjuga. Almeida e Masuda (2017) expandem essa análise ao interpretarem a narrativa como um drama contemporâneo, em que o destino da protagonista ecoa o sofrimento coletivo de um país caracterizado pela desigualdade. Assim, a invisibilidade de Macabéa não é meramente uma característica pessoal, mas o resultado de uma estrutura social que renega a dignidade humana a corpos marginalizados.

A falta de uma identidade da personagem é, desse modo, uma alegoria da exclusão histórica das mulheres nordestinas e carentes na literatura e na sociedade. Lispector, embora não ofereça uma solução para essa conjuntura, esclarece as tensões entre indivíduo e linguagem, evidenciando como a narrativa é, ao mesmo tempo, ferramenta de revelação e de silenciamento. A autora constrói uma poética da imperfeição, em que Macabéa só se completa no olhar alheio um recurso literário que propicia análises críticas e novas interpretações, como a que Conceição Evaristo efetua em sua releitura.

Em *Macabéa: Flor de Mulungu* (EVARISTO, 2023) vislumbra-se um ato de réplica e nova roupagem ao conto de Clarice Lispector. Evaristo ao pegar de volta a figura esquecida de *A Hora da Estrela*, sugere uma releitura identitária e carregada de simbolismo, alicerçada na escrevivência, ideia que junta vida, lembrança e escrita. Tal como a autora demonstra em *Escrevivência: a escrita de nós* (EVARISTO, 2019), esse modo de escrever nasce das vivências de mulheres negras e de áreas pobres, transformando sofrimento e exclusão em poder criativo.

De acordo com Ferreira et al. (2021), a escrevivência age como uma manobra de defesa na fala, por dar ao corpo e à jornada negra o papel de lugar de expressão. Em *Macabéa: Flor de Mulungu* (2023), Evaristo cede à figura a chance de expor seu próprio conto, quebrando com a voz que narrava por um homem, silenciando-a em Lispector. Essa virada tem peso, a *Macabéa* de Evaristo abraça suas origens, pega de volta sua história e refaz sua essência por meio da fala. Logo, o vazio vira algo real e o mudo se faz palavra.

Rezende e Campos (2022) firmam essa visão ao frisar que a escrita de Evaristo cria um papo entre lembrança e passado ancestral, ligando o que um vive ao geral. A autora ergue uma teia de símbolos que une *Macabéa* às vozes de outras mulheres negras da história do Brasil, pondo fim ao isolamento que a trama original impunha. Silva (2022) soma a essa análise que a escrevivência vai além do relato pessoal, sendo um ato político para mudar a forma como a sociedade lembra. Assim, Evaristo faz da *Macabéa* de Lispector uma imagem de luta, mudando o sentido de seu fim e abrindo alas para uma escrita afro-brasileira que se impõe pela força do que foi vivido.

A releitura de "*A Hora da Estrela*" por Conceição Evaristo transcende a simples reverência literária, erigindo-se como um gesto de resistência com forte apelo simbólico. Conforme apontam Ferreira e seus colegas (2021) ao revisitar figuras e tramas sob a perspectiva de uma mulher negra, Evaristo executa um ato político dentro das letras, resgatando protagonistas antes silenciados pela tradição literária dominante. A autora não apenas resgata uma personagem, mas também busca uma nova forma de contar histórias, onde o corpo e a memória ganham status de fontes legítimas de saber e representação.

Tal ato de reescrita, na visão de Rezende e Campos (2022), aponta o papel crucial da literatura como palco de reparação simbólica e histórica. Ao reinterpretar *Macabéa*, Evaristo sugere uma leitura que não ignora o sofrimento da personagem original, mas o converte em discernimento crítico. A narrativa se torna, assim, um caminho para reconstruir a individualidade e a identidade coletiva de mulheres negras e marginalizadas. Desse modo, a reescrita literária surge como uma forma de resistência que atua tanto no plano estético quanto no político, desafiando estruturas narrativas e ideologias que excluem.

Ao comparar as duas obras, percebe-se que a literatura pode ser um espaço de transformação da sociedade. Enquanto Lispector expõe a invisibilidade e o silenciamento, Evaristo concede voz e poder de ação. Almeida e Masuda (2017) já frisavam que "A Hora da Estrela" põe em xeque as fronteiras entre realidade e ficção; Evaristo, por sua vez, intensifica tal movimento ao unir ficção e memória, tornando a vivência negra uma narrativa coletiva de resistência. Assim, a reescrita se manifesta como um ato de continuidade e quebra, reafirmando o poder da literatura em indagar, reconstruir e restituir a dignidade humana a narrativas negligenciadas.

3.3 Comparação temporal e transformação cultural

Em "A Hora da Estrela" (Lispector, 2020) a literatura brasileira da época frequentemente abordava a exclusão de mulheres nordestinas e de baixa renda, com debates sobre o fortalecimento feminino e reconhecimento social ainda em seus estágios iniciais. Nesse cenário, Macabéa aparece como uma figura apática, com pouca iniciativa, demonstrando as restrições históricas e sociais daquele tempo, Cartaxo (2014). Por outro lado, "Macabéa: Flor de Mulungu" (Evaristo, 2023), criada em um momento atual influenciado pelos movimentos negro, feminista e periférico, atribui um novo significado à mesma personagem através da "escrevivência", dando-lhe voz, individualidade e destaque. Essa distinção temporal não só realça a transformação na forma como a mulher marginalizada é retratada, mas também revela o desenvolvimento cultural e social que permite a validação da identidade excluída, Silva (2022), indicando que a releitura de Evaristo serve como uma réplica histórica ao cenário original de Lispector.

Dessa forma a ideia de escrevivência, criada por Evaristo, não só dá voz aos personagens, mas também gera impactos importantes para grupos sociais que são deixados de lado. Essa prática permite um reconhecimento simbólico, recuperando identidades que foram esquecidas ao longo da história, uma apreciação da cultura, validando as vivências de mulheres negras, da periferia e marginalizadas na literatura e um fortalecimento em grupo, já que personagens como Macabéa passam a simbolizar a luta e a memória coletiva de comunidades menos favorecidas (Rezende & Campos, 2022). Desse modo, a forma de reescrever de Evaristo une o mundo da literatura com a área sociopolítica, mostrando que a literatura pode servir como ferramenta para firmar a identidade com possibilidades de mudar a sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao comparar *A Hora da Estrela* (Lispector, 2020) e *Macabéa: Flor de Mulungu* (Evaristo, 2023), notam-se mudanças marcantes na maneira como a literatura brasileira aborda a representação de mulheres à margem da sociedade. Lispector pinta Macabéa como alguém sem voz, sem identidade própria e presa a um ambiente social que limita suas ações. Evaristo, por outro lado, reinventa essa mesma figura usando a escrevivência, dando a ela a chance de reconquistar sua voz, contar sua história e se sentir parte de algo. Essa diferença mostra não só estilos artísticos distintos, mas também uma grande mudança no clima cultural e político entre as épocas em que cada autora escreveu.

Além disso, a pesquisa revela que a releitura literária tem o potencial de servir como uma forma de compensação simbólica, revisitando histórias que, ao longo do tempo, tornaram certos grupos sociais invisíveis. A Macabéa reimaginada por Evaristo destaca a força das narrativas negras e marginalizadas, que surgem como uma resposta às estruturas de silenciamento observadas no trabalho de Lispector. Dessa forma, a conexão entre as duas obras mostra que a literatura não só ilustra desigualdades, mas também propõe maneiras de promover mudanças e resistir, celebrando vozes que antes eram ignoradas e auxiliando na criação de novas visões de identidade e sociedade.

Em última análise, ao comparar as obras, nota-se que a literatura se mostra um campo de batalha por narrativas e ressignificações. Quase cinquenta anos depois, Evaristo, ao retomar Macabéa, não só narra novamente uma história conhecida, como reacende a discussão sobre a legitimidade de narrar e ser narrado. A forma como a personagem é reconstruída desafia as fronteiras da representação convencional e traz para o cenário literário nacional uma ótica influenciada pela ancestralidade e pela exaltação das vivências das margens. Ao converter o silêncio em expressão e a falta em existência, a releitura feita por Evaristo confirma o poder da literatura como ferramenta para empoderar identidades que foram historicamente deixadas de lado e para edificar novas visões de mundo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério de; MASUDA, Fábio Takao. *A Hora da Estrela* entre a ficção e a realidade: ou o trágico em Macabéa. *Intelligere: Revista de História Intelectual*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 31–41, 2017. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/117093>.

CARTAXO, Mariana Gomes. Representação feminina em “*A Hora da Estrela*”: a mulher subalterna enquanto um significante vazio. *Revista Três Pontos*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 1–11, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/3327>.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

EVARISTO, Conceição. *Macabéa: flor de mulungu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

FERREIRA, Luciana Pereira Queiroz Pimenta; ARAÚJO, Luísa Consentino de; RODRIGUES, Maria Luíza Simplicio; CÂMARA, Yanca Abreu. *A escrevivência de Conceição Evaristo como*

estratégia político-discursiva de resistência: Uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em “Olhos d’água”. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 56, n. 2, p. 251–261, 2021. DOI: 10.15448/1984-7726.2021.2.40482. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/40482>.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 89. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

PINTO-BAILEY, C. F.. (2021). Escrivência, testemunho e direitos humanos em *Olhos d’água* de Conceição Evaristo. *Revista Brasileira De Literatura Comparada*, 23(43), 8–19. <https://doi.org/10.1590/2596-304x20212343cfpb>

REZENDE, L. B. M., & Campos, B. S.. (2022). Memória, alteridade e escritas de si em Conceição Evaristo, Maria Auxiliadora, Carolina de Jesus e Elza Soares: a arte da “escrevivência”. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (66), e6706. <https://doi.org/10.1590/2316-40186706>

SILVA, Ana Paula da. Memória, alteridade e escritas de si em Conceição Evaristo, Maria Auxiliadora, Carolina de Jesus e Elza Soares: a arte da “escrevivência”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 66, p. 1–17, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/g3BwSyvYrM3ZPJFHNnPX7qD/>.

SILVEIRA, Julienne da S.; OLIVEIRA, Viviane Cristina. A questão social na obra “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector. *Revista Humanidades & Inovação*, Palmas, v. 7, n. 16, p. 92–103, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/764>.